

# O Senado resgatou o tesouro da oratória política

O Senado acaba de editar um livro e uma caixa com cinco discos intitulados "Grandes momentos do Parlamento brasileiro". São uma verdadeira maravilha e é uma pena que a tiragem de cinco mil cópias já tenha sido quase toda distribuída entre mandarins de Brasília, museus e bibliotecas. Restam duas mil cópias, mas são quatro mil os pedidos na fila.

Nos cinco discos estão guardados 14 discursos e quatro valiosos registros de duas grandes crises: a renúncia de Jânio Quadros, de 1961, e a deposição do presidente João Goulart, em 1964.

Na amostra da oratória política nacional, duas são as jóias. A mais bonita, para se ouvir como se revê "E o vento levou", é o discurso do deputado Afonso Arinos de Melo Franco, no meio da crise de agosto de 1954. Foi pronunciado no dia 9, logo depois da morte do major Rubens Vaz, abatido por um pistoleiro contratado para assassinar o jornalista Carlos Lacerda, porta-voz do golpe contra o presidente Getúlio Vargas.

É provável que toda a cultura da atual Câmara dos Deputados caiba na pasta com que Afonso Arinos entrava no Palácio Tiradentes. Jamais se voltou a fazer discurso igual, pelo idioma, pela estrutura e pelo estilo de violência.

Arinos começa suave, quase pastoral, referindo-se a uma viagem de Vargas a Minas Gerais. Como quem não

quer nada, se queixa de que Vargas chamou a oposição de mentirosa, mas reconhece que é difícil saber o que é a verdade. Passa a um segundo movimento e crava a estaca:

"Ao senhor Getúlio Vargas respondo que, se não é possível saber o que é a verdade, é perfeitamente possível saber-se o que não é a mentira".

A partir daí, descasca as maldades oficiais, sempre indagando:

"Será mentira?"

No primeiro bote, responde:

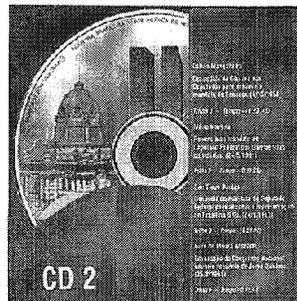
"Ou será ele o grande mentiroso, ou será ele o grande enganado, ou será ele o pai supremo da fantasmagoria e da falsidade?"

Como num concerto, Arinos (sempre de improviso) vai ao terceiro movimento. Dirige-se a Vargas com cerimônia:

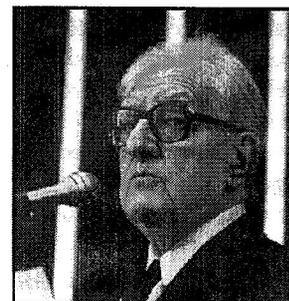
"Digo a Vossa Excelência: (...) Tenha a coragem de perceber que o seu Governo é, hoje, um estuário de lama". (Um aristocrata como ele não di-



Juscelino Kubitschek



CD 2



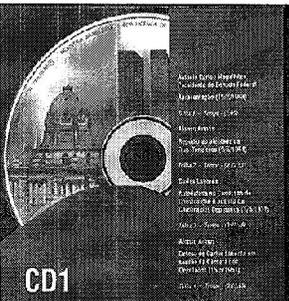
Afonso Arinos



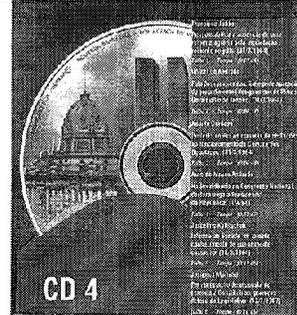
CD 3



CD 4



CD 1



CD 5

ria mar de lama, como a escumalha.)

Finalmente, vai ao último compasso. Dirige-se "ao homem Getúlio Vargas". Sempre repetindo: "Eu lhe digo, homem", ou "Eu lhe solicito, homem".

Até que termina:

"Lembre-se, homem, pelos pequeninos, pelos humilhados, pelos operários, pelos poetas: lembre-se dos homens e deste país e tenha a coragem de ser um desses homens, não permanecendo no Governo se não for digno de exercê-lo".

Vargas matou-se 15 dias depois, na madrugada de 24 de agosto. Arinos

não gostava de falar desse discurso porque via nele uma contribuição que julgou decisiva para a morte de um semelhante. Tamanho foi seu constrangimento que, mesmo depois de sua morte, a família teve dificuldades para liberar a gravação. Passados 44 anos, fez um bem à cultura nacional.

Nada há na coleção com a qualidade dessa peça, mas pelo menos dois outros discursos tocam a alma de quem os ouve. Um é de Juscelino Kubitschek, em junho de 1964, sabendo-se cassado pela histeria civil e militar semeada pelo golpismo que levou Vargas ao suicídio.

Outro, belíssimo, é o do senador Teotônio Vilela, feito em setembro de 1976, dias depois da morte de Kubitschek. JK, um proscrito, morreria num acidente de estrada. Fora levado ao túmulo por uma das mais emocionantes multidões já formadas no Brasil. Transformara-se a dor em poesia. O presidente Ernesto Geisel teve que decretar três dias de luto oficial por um homem que não podia exercer seus direitos de cidadão.

Assim disse o Menestrel das Alagoas:

"A marcha funerária quase que se transformou em marcha triunfal".

E concluiu com a solenidade de um boêmio tão culto quanto amável:

"Olhai, presidente Ernesto Geisel, a alma encantadora das ruas é a nossa alma também, perene e eterna".

Há muito cascalho, mas esse é um problema da oratória política, não da edição. O discurso de Tancredo Neves em homenagem a JK é pífio, o de San Tiago Dantas despedindo-se da Câmara, exercício de egolatria provinciana e a despedida de Otávio Mangabeira, tralha pernóstica.

Como o Senado não é produtora de discos, não lhe cabe produzir uma reedição comercial dessa preciosidade. Para propagar um trabalho tão bom, alguma empresa poderia oferecer uma parceria ao Senado, transformando esse grande momento do Parlamento em coisa mais acessível.